



8. RÁDIOS COMUNITÁRIAS E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NA AMÉRICA LATINA

SESSÃO - 02

*Maria Inês Amarante**

Resumo

O presente artigo traz discussões sobre o desenvolvimento das rádios comunitárias na América Latina, tomando como exemplo a Rádio FM *En Tránsito*, da Província de Buenos Aires, uma das primeiras experiências cooperativas em comunicação. Se a maioria dos veículos locais serviram, por longos períodos, de interligação entre a zona rural e a urbana, atualmente seu espectro se expande além dos limites territoriais, unindo países irmãos em redes virtuais organizadas, como a AMARC e a ALER. A rádio FM *En Tránsito*, uma das associadas, surgiu nos anos 1980 como uma alternativa de comunicação contrahegemonica para servir a todos os que se viram alijados do processo comunicativo durante os governos ditatoriais. Resistiu heroicamente às intempéries e adaptou-se aos novos tempos. Assim, de veículo voltado ao acontecimento local, ela aos poucos se divulga nacionalmente e incentiva outras iniciativas, todas construídas com ideais coletivos e inovadores, compromisso e criatividade. O trabalho foi realizado a partir de pesquisa de campo, com entrevistas e pesquisas bibliográfica e documental.

Palavras-chave: Rádio comunitária; FM *En Tránsito*; América Latina; redes; transformação social

Resume

Cet article présente des discussions sur le développement des radios communautaires en Amérique latine, en prenant comme exemple la Radio FM *En Tránsito*, de la province de Buenos Aires, l'une des premières expériences coopératives de communication. Si la plupart des radios locales ont relié la zone rurale et les villes pour de longues périodes, aujourd'hui elles arrivent au-delà des limites territoriales reliant des pays frères à travers des réseaux virtuels tels que l'AMARC et l'ALER. La Radio FM *En tránsito*, l'une des associées, fut créée dans les années 1980 comme une alternative de communication contre hégémonique pour servir à tous les exclus du processus de communication durant les dictatures. Elle a résisté héroïquement aux intempéries et s'est adaptée à l'évolution des temps. Ainsi, de *medium* local, la radio passe, graduellement, à la diffusion nationale et encourage d'autres initiatives, le tout construit avec des idéaux collectifs innovateurs, de l'engagement et de la créativité. Ce travail a été réalisé à partir de recherches sur le terrain, des interviews et des recherches bibliographique et documentaire.

Mots-cles: Radio communautaire; FM *En Tránsito*; Amérique latine; réseaux; transformation sociale

* Doutoranda do Programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP; bolsista do CNPq; Especialista e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP e Licenciada em Letras pela Université Libre de Bruxelles - ULB. Professora e radialista, integra a equipe de formação da AMARC-Brasil (Associação Mundial de Rádios Comunitárias). Este trabalho foi realizado com o apoio do CNPq. E-mail: inesarante@ig.com.br.



Si nosotros no decimos nuestra palabra,
otros la tomarán y hablarán por nosotros
Postulado Zapatista

I. Introdução

Todos os países da América Latina possuem muitas histórias de lutas sobre as experiências de rádios populares surgidas ao longo dos últimos sessenta anos - muitas delas sob oposições por parte de governos autoritários - e que fazem parte de um longo processo de mudanças sociais. Estas rádios apresentam-se, desde suas origens (AMARC-ALC, 2004, p. 35) como “projetos que se propõem a intervir em uma realidade marcada pelas desigualdades”, utilizando tecnologias de baixo custo para a produção e a distribuição de mensagens, à contra-corrente dos meios de comunicação comerciais.

Segundo Machado, Magri, Masagão (1986, p.19), o surgimento do transmissor FM foi o elemento facilitador desta idéia que se propagou, pois a tecnologia disponível colocava a possibilidade de emitir sinais de rádio nas mãos de qualquer grupo com um mínimo de recursos e conhecimentos de eletrônica, atendendo às comunidades a que se destinava. No entanto, indagam os autores, “como foi possível (...) que onde a fome e a vida são como loteria permanente, os homens da Latino-América periférica, colonial, miseravelmente desigual e combinada, percebessem que é preciso,

necessário e vital se comunicar?” A rebeldia, a transgressão e a utopia – esta última calcada nos ideais de Brecht, expostos em sua Teoria do Rádio, de 1932 (2005, p. 42)¹, marcaram a maioria dessas experiências. Mário Fanucchi (1997, p. 2), reforça o lado social e visionário de Brecht, que antecipa “três fatores que viariam a ser fundamentais para a afirmação do rádio moderno: a intervenção direta do ouvinte nos programas, a vigilância que o rádio pode e deve exercer sobre os governos e a contribuição do rádio para a formação da opinião pública”.

Outros teóricos, como Paulo Freire, sempre revisitado pelos comunicadores envolvidos com a educação e a comunicação popular em toda a América Latina, também exerceram influência neste processo, a partir dos anos 1960, junto a Mário Kaplun, Juan-Diaz Bordenave e Luiz Ramiro Beltran, destacados por Peruzzo (2009, p. 48). Beltran (1981, p. 26-8), assinala que Paulo Freire via os grandes grupos de mídia como “instrumentos da comunicação vertical e alienante, encarregados de auxiliar na subjugação dos oprimidos”, através da difusão de mitos, normas e valores de minorias oligárquicas. A proposta de uma Educação para a Libertação, capaz de alterar o processo educativo do tipo bancário, que promove a submissão e a passividade, segundo Freire, passava pela comunicação e não deveria ser tratada “fora da estrutura econômica, política e





cultural da sociedade“.

II. A experiência das rádios livres e o surgimento das redes

As rádios livres, não-oficiais, surgiram trazendo perspectivas educativas e comunitárias, dentro dos movimentos protagonizados pela sociedade civil e acumularam experiências históricas de comunicação não hegemônica que foram, aos poucos, sendo conhecidas e difundidas em outros países, internacionalizando-se. O termo inicialmente utilizado na Inglaterra para essas rádios foi “rádios piratas”, mas os italianos as batizaram de “rádios livres”, em 1968, expressão que se divulgou. Clandestinas e militantes, elas abrem espaço aos menos favorecidos e partidos de oposição, a maioria de esquerda (SABBAGH, 1995, p. 91).

Porém, no final dos anos 1940, já se faziam presentes na América Latina, gerando inúmeras iniciativas de comunicação participativa como rádios sindicais, étnicas e, principalmente, o que conhecemos hoje como rádios comunitárias, que se desenvolveram através de ONGs², associações e nos meios sindicais e religiosos.

A *Rádio Sutatenza*, surgida em 1947 na Colômbia, foi uma das primeiras rádios livres que divulgaram, principalmente, o evangelho, a educação e serviram para promover o desenvolvimento

agrícola, uma “singularidade da radiodifusão latinoamericana” (GUGLIELMONI, 2009, p. 2). Com o nome inicial de *Rádio Educativa*, ela foi uma precursora das radioescolas, cuja preocupação maior era a educação formal à distância dos camponeses. O padre Joaquín Salcedo (VILLAMAYOR, 2007, p. 2) foi o idealizador do plano de educação para a alfabetização transmitido pela rádio, com o apoio da igreja católica, que incluía igualmente a evangelização, práticas agrárias e saúde. A emissora funcionava com o microfone aberto, o que permitia a participação dos cinco mil habitantes do vale de Tenza. A *Rádio Sutatenza* instalou-se posteriormente em Bogotá e, entre os anos 1970-80, constituiu uma rede que divulgava o programa ACPO- Ação cultural e popular, servindo de inspiração para outras rádios que surgiram, entre elas a *Rádio San Gabriel* na Bolívia, em 1956, a *Rádio Huaya Cocotla*, no México, em 1965, e a *Rádio Quillabamba* no Peru, em 1969.

Nos anos 1950, vieram as Rádios Mineiras da Bolívia, na Cordilheira dos Andes. Organizadas por sindicatos, defendiam o direito da classe trabalhadora e cumpriram uma função educativa e política, contra as rádios comerciais e as autoridades que oprimiam os mineiros. Elas eram administradas e mantidas com recursos da comunidade de radioescutas, tornando-se “uma voz pública que se torna coletiva”. A primeira delas nasceu em





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

1953, na mina Século XX: a *Rádio La Voz de los mineros* (GUGLIELMONE 2009, p. 5), seguida de outras, como a *Rádio Vanguardia*, *Radio Sucre* e *Radio Bolívar*, que constituíram não apenas experiências políticas, mas também aglutinavam a comunidade em torno de alternativas socioculturais e desportivas. No entanto, nos anos 1970, com o avanço das ditaduras no continente, elas sofreram repressões policiais até desaparecerem, no final de 1985, após o fechamento das minas.

Nesse período, marcado pela permanência de governos autoritários em praticamente toda a América Latina, a mídia viveu sob forte censura e repressão dos meios alternativos³. Porém, discutia-se a Teologia da Libertação em vários contextos e as posturas da Igreja Católica entraram em sintonia com o desejo popular, ajudando a denunciar a manipulação ideológica dos meios de comunicação. Ela incentivou igualmente as comunidades a praticar a comunicação comunitária, atuando nos bairros e contribuindo para uma consciência crítica diante desses meios, anseios registrados na Conferência de Puebla, no México, em 1979.

Nos anos 1980, entram em cena as rádios insurgentes que serviam aos movimentos revolucionários, como outrora havia feito a *Rádio Rebelde* em Cuba, nos anos 1950, por iniciativa de Che Guevara. O método de alfabetização

de Paulo Freire, baseado na comunicação participativa, passa a ser divulgado e elas tornam-se conhecidas como rádios populares participativas. Da alfabetização voltam-se aos direitos humanos, na defesa pela igualdade, justiça e solidariedade. As experiências mais conhecidas de rádios guerrilheiras foram a *Radio Farabundo Martí*, da Nicarágua e a *Radio Venceremos*, de El Salvador, que mostram a força popular nos países que viviam processos revolucionários intensos.

Nos anos 1990, como apontam os estudos de Geerts e Van Oeyen (2001, p.186) surgem as emissoras que foram denominadas rádios comunitárias, com identidades diversas, mas trazendo a bagagem histórica de todas as experiências acumuladas ao longo dos anos.

Vários movimentos se agruparam em torno desses veículos, que ganharam uma configuração humanista e laica, transformando-se em espaço relacional construtor de sentidos. Movimentos de mulheres, jovens, artistas, universitários, povos de diferentes origens étnicas, mostravam essa nova perspectiva político comunicativa e cultural de se fazer comunicação.

As inúmeras redes de rádios populares e comunitárias de que se tem notícia nasceram nos países latino-americanos e se fortaleceram ao longo dos anos. Segundo Geerts e Van Oeyen





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

(2001, p. 186-96), elas constituem um espaço de diálogo e coordenação entre seus integrantes e podem se desenvolver através de associações, federações ou instituições⁴. Entre os anos 1970 e 1980 no Equador, Chile, Peru, Uruguai e Bolívia, foi criada uma rede de educação rural, na qual o modelo de comunicação dialógica (horizontal) foi amplamente debatido e aplicado, contrapondo-se à hegemonia até então dominante (BELTRAN, 1981, p. 28-9). Nota-se a necessidade de buscar alternativas regionais mais próximas à realidade do continente e dar prioridade ao papel da comunicação na educação e mobilização populares. Os protagonistas destes movimentos, não apenas contribuíram para a preservação de grande parte da memória popular, mas também ajudaram a construir a resistência em prol de uma nova ordem da comunicação.

Pode-se considerar duas entidades internacionais – a ALER (Associação Latino-americana de Educação Radiofônica) e a AMARC (Associação Mundial de Rádios Comunitárias) como as mais significativas organizações de apoio às rádios comunitárias no continente. Ambas nasceram com propostas alternativas específicas e, mais recentemente, em 2002, consolidaram uma aproximação através de um projeto comum, o *Programa Conjunto em Gestão Integral das Rádios*, que potencia os planos de ação das redes nacionais das duas organizações.

A ALER, Associação Latino-americana de Educação Radiofônica, foi criada em 1972 com a união de 18 rádios da Igreja Católica que antes já alfabetizavam à distância, especialmente no meio rural. Com o passar do tempo, transformou-se em uma entidade de rádios populares, em um momento difícil devido à situação de pobreza que vivia a América Latina, com a ascensão das lutas populares, a radicalização de certo setor da Igreja, a insurgência revolucionária em alguns países, o avanço dos partidos de esquerda e a luta contra regimes ditatoriais que iam se impondo. Nas décadas marcadas pelo autoritarismo, as rádios da ALER foram importantes na luta pela redemocratização das sociedades, devido principalmente à participação política de um setor mais politizado da Igreja Católica.

Com a mudança de perfil, ela passa a assumir uma função de formação e orientação para os movimentos populares, oferecendo produções, pesquisas, oficinas, cartilhas e manuais que foram bastante divulgados e utilizados por comunicadores. Além das rádios católicas, como lembra Alvarez (2004), ela passou a congregar também instituições ligadas a outros projetos sociais e, desde os anos 1990, conta com um “Sistema Intercontinental de Comunicação Radiofônica” (SICR), voltado aos países latinoamericanos de língua hispânica, e que promove uma conexão intercontinental para a realização de programas e projetos con-





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

juntos através da Internet ou via satélite, com correspondentes em todas as pontas do continente.

A AMARC, Associação Mundial de Rádios Comunitárias, organização não-governamental internacional de “coordenação, cooperação, consulta, intercâmbio e promoção para as rádios comunitárias em todo o mundo”, foi simbolicamente fundada em 1983 em Montreal, no Canadá, por ocasião do Ano Internacional das Comunicações, promovido pelas Nações Unidas, oficializando-se em 1986. A entidade possui diversas sedes em todo o mundo, contando com mais de 4.000 associadas – entre emissoras comunitárias e entidades regionais – em 115 países de todos os continentes. Na América Latina, onde o movimento de rádios comunitárias é considerado o mais forte e articulado do mundo, ela se subdivide em seis sub-regiões: América Central, Caribe, México, Países Andinos, Cone Sul e Brasil. Em todas elas, atua no fortalecimento de vários programas de ação, em especial o de Legislação e Formação, com uma rede extensa de capacitação, produção radiofônica, gênero (através da Rede de Mulheres da AMARC), novas tecnologias, intercâmbio e produção de informação, sem fins lucrativos, através da Agência de Notícias Pulsar. Em atividade desde 1995, esta agência foi idealizada com visão latinoamericana, divulgando notícias de rádios comunitárias para as rádios co-

munitárias, facilitando o acesso de todas à informação radiofônica relevante, unindo-as através das novas tecnologias. Os boletins da Pulsar, elaborados por vários correspondentes, são enviados pela Internet em espanhol e português.

Outras iniciativas conjuntas da ALER e da AMARC que merecem destaque são o Projeto Ritmo Sur e estudos e pesquisas significativos, em parcerias com universidades. O Ritmo Sur, realizado na América do Sul e México, tem como objetivo fortalecer as rádios populares e comunitárias através da formação, centros de comunicação e instâncias de coordenação regionais e nacionais para a consolidação das redes, voltadas à sustentação institucional, social e econômica. Quanto às pesquisas, em 2004, as duas entidades produziram o trabalho: “La Práctica Inspira”, que complementa o “Estudio de Vigencia e Incidencia de la Radio popular comunitaria”⁵, apresentando relatos de experiências e práticas que obtiveram êxito e que, segundo a AMARC (2004, p. 93), evidenciaram os desafios enfrentados pelo movimento de rádios populares e comunitárias do continente.

Apesar dos meios de comunicação se transformarem a olhos vistos devido aos avanços tecnológicos, a ponto de se reconhecer o despontar de uma “convergência das mídias”, o rádio segue garantindo a sua importância em nosso





Continente. Para Barbero (2009)⁶, isto se deve ao fato de que ele “organizou a nossa temporalidade: o dia e a noite, o levantar, rezar, almoçar etc, antes mesmo da televisão e ainda é o meio que mais vai durar, porque a América Latina é oral, mais visual e menos letrada”. Entre todas as características do veículo, esta é a que lhe confere maior popularidade, pois “faz com que ele leve uma vantagem sobre os meios impressos: o rádio *fala* e o público *ouve*, não precisa ser alfabetizado” (ORTRIWANO, 1985, p. 78).

III. A Rádio FM En Tránsito

Nos idos de 1980, vivia-se um momento político marcante, de “explosão social” pós-anistia, como lembra Festa e Lins da Silva (1986, p. 10), em que se expandia a idéia do acesso da sociedade civil aos meios de comunicação e ampliava-se, no mundo acadêmico latino-americano, o debate sobre o papel da mídia e a proximidade dela com os interesses da sociedade civil.

Desse modo, não foi mero acaso o surgimento da Rádio FM *En Tránsito*, em tempos de abertura política pós-ditadura militar na Argentina. Afinal, como mostra a história dos movimentos sociais do continente, todos estavam ávidos por mudanças e a verdadeira transformação social só viria com a participação conjunta na cena pública e a união daqueles que haviam sido, outrora, reprimidos. O

rádio vinha dar maior visibilidade a este projeto de uma nova sociedade.

O marco dessa experiência é a fundação da Cooperativa de Trabalho para a Comunicação Social em 20 de fevereiro de 1986, que regroupava estudantes de jornalismo em torno da criação do jornal *La Calle*, na Zona Oeste de Buenos Aires. Para Juan Carlos Martinez (COLUCCIO et al., 2008, p. 34), um de seus fundadores, “entre uma empresa e uma cooperativa, o importante era crescer profissionalmente”. Assim marcou-se um estilo de trabalho e um compromisso. A organização interna do coletivo era bastante horizontal e havia três categorias de auto-avaliação: pontualidade, rendimento e companheirismo.

Em 1987, com o avanço das rádios de baixa potência na Argentina, a cooperativa decide ampliar seu campo de comunicação e funda a rádio FM *En Tránsito* – que tornou-se a primeira rádio cooperativa do país e uma das primeiras do mundo. Munidos de um pequeno transmissor de 25 watts, um leitor de cassetes, um toca-discos e um acervo musical trazido pelos sócios, ela estréia no dia 9 de julho daquele ano e alguns vizinhos da localidade de Castelar descobrem o sinal no 92.9 do dial. Cada nova voz que começava um programa anunciava um novo primeiro dia. E os comunicadores se sentiram emocionados, alegres, orgulhosos, envergonhados, porém ávidos por





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

expressar muitas opiniões guardadas por tantos anos de silêncio e sensação de serem apenas ouvintes.

A resposta do público à nova proposta foi bastante significativa e a rádio criou um vínculo muito especial com os ouvintes. A princípio, eram divulgadas informações, editoriais e entrevistas de diversas fontes. Logo depois, veio a preocupação com o público: para quem estavam falando? Com o passar do tempo, os ouvintes passaram a ser identificados e suas vozes ao telefone davam suporte aos programas. Muitos vieram até a rádio e foram ficando: atendiam telefonemas, ajudavam na produção, opinavam e até cantavam canções que escutavam em outras rádios... A própria limitação técnica tornou-se um selo de identificação do novo meio. Assim, os moradores do bairro começaram a descobrir as autoridades locais e suas intenções. Como relata Daniel Enzetti (COLUCCIO et al., 2008, p. 34), “a localidade de Morón⁷ sempre se caracterizou por ter uma atividade político-social muito importante. Os ouvintes chegavam sempre com informações que foram gerando uma retroalimentação”.

3.1. A participação como objetivo

Desde o início, a FM *En Tránsito* traçou objetivos muito claros: fazer uma comunicação solidária, participativa, comprometida com as pessoas, baseada nos princípios de igualdade e direitos

que todos possuem de expressar-se livremente, sem censura, envolvendo sempre a juventude.

O ano de 1987 foi muito difícil na Argentina, pelo drama dos desaparecidos, assunto sobre o qual não se falava. No entanto, as mães da Praça de Maio encontraram na rádio o seu espaço, assim como muitos cidadãos das cercanias de Castelar. Para Nora Cortiñas, citada por Coluccio et al. (2008, p. 35) “todos puderam canalizar suas inquietações e encontrar um lugar para levar suas queixas e reclamações”. Contudo, Enzetti (COLUCCIO et al., 2008, p. 35) reforça que “é um mito dizer que qualquer pessoa chega ali na rádio e diz o que quiser. Os meios não são neutros e temos um conceito ideológico. Ali entravam aqueles que comungavam conosco a idéia do que consideramos, humildemente, nosso projeto de país, contra os grandes grupos monopolizadores”.⁸

Com uma maleta de transmissão portátil, os comunicadores também saíram *em tránsito* pelo bairro, realizando um contato direto com as pessoas. Organizaram eventos solidários, festivais e recitais, colaboraram com campanhas de todo tipo e acompanharam os trabalhos de ONGs locais. Em todos estes momentos (COLUCCIO et al., 2008, p. 35) “a democracia se ampliava, porque a palavra e o debate ecoavam”.





Apesar das ameaças, perseguições e várias tentativas de fechamento que sofreram ao longo dos anos, o coletivo conseguiu contribuir para com o que chamam de “um processo de comunicação comunitária”, onde a participação, a horizontalidade e a criatividade fazem parte da vivência cotidiana, tal qual a gestão cooperativa que sustenta o trabalho. Esta alternativa de comunicação, nas palavras de Mattelart e Piemme (apud COLUCCIO et al., 2008, p. 36):

tem mais vínculos do que nunca com a produção de novas relações sociais (...). Ela não garante a emergência de novas formas sociais, nem emerge naturalmente de situações de transformação social: uma e outra se põem à prova, paralelamente, em um mesmo esforço lento e prolongado de construção de uma cultura popular.⁹

3.2. Da crise à reconstrução

Em 1990, através de empréstimo em um banco cooperativo, o coletivo adquiriu o imóvel que sedia a rádio e foi pagando a dívida com publicidade. Porém, um impacto devido à crise que assolava a Argentina, com corrupção, descrença e alta taxa de desemprego, fez com que a maioria das rádios alternativas fechassem, atingindo a cooperativa. Com entradas que mal davam para cobrir os gastos, sem remuneração, muitos sócios renunciaram, outros passaram a se dedicar a um novo trabalho. A programação sofreu um golpe e, a partir de 1993, passou a ser

quase que exclusivamente musical, alternativa que evitou seu fechamento devido às dívidas.

O projeto também resistiu à tentação das ofertas de grupos religiosos e políticos e, finalmente, conseguiu reerguer-se em 1999, com a reformulação da cooperativa, que ganhou novos membros. A rádio voltou a funcionar 24 horas, as contas foram sanadas e reiniciou-se a cobertura dos acontecimentos da zona oeste da Grande Buenos Aires, reafirmando o compromisso de “denunciar e ser a voz das pessoas insatisfeitas em suas necessidades básicas”.

O ano 2000 marca a refundação da Fm *En Tránsito*, com debates sobre a razão de ser, os projetos de gestão coletiva e do meio comunitário. Sem abrir mão do engajamento profissional e militante, ou da paixão pelo rádio, optou-se por transformá-la em uma empresa social eficaz e eficiente, dando início a uma nova etapa. Todos compreenderam que o aspecto econômico-financeiro era importante para manter o projeto e oferecer aos atores sociais condições justas de sobrevivência. Afinal, para eles (COLUCCIO et al., 2008, p. 39) “o melhor da FM *En Tránsito* é o humano”. Segundo Liliana Belforte, a Lily¹⁰, jornalista e comunicadora social do coletivo desde 2006 e encarregada de projetos de formação, “a rádio encontrou uma maneira de caminhar, fazer sua história”.





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

Para se chegar a uma ordem administrativa, reuniram-se com um profissional em economia e planejamento; ofereceram capacitação a todo o pessoal em leis sociais, contabilidade e cooperativismo e criaram um Departamento Comercial para a venda de anúncios a comerciantes e empresas locais, com o argumento sólido da audiência que a rádio alcançava. Canjas comerciais, vendedores comissionados e produções independentes, a partir de iniciativas dos próprios ouvintes, deram à rádio a possibilidade de desenvolver novas formas de financiamento. Assim, as contas continuaram a ser pagas e a cooperativa realizou projetos que vem se autofinanciando através de subsídios estatais ou de ONGs, nacionais ou internacionais, comprometidas com a comunicação.

Entre muitas atividades, o coletivo oferece capacitações em comunicação educativa para alunos de escolas públicas; aprendizagem e estágios a estudantes universitários e a manutenção de uma gráfica própria, projeto mais recente. Isto lhe permite elaborar novos planos para o futuro, como ampliar a frequência da rádio, incrementar a rede via web, produzir campanhas e mini programas para divulgação.

Estas iniciativas fizeram com que a FM *En Tránsito* chegasse ao oitavo lugar entre as rádios mais escutadas em nível nacional. Dessa forma, ela vai, aos

poucos, ressignificando seus objetivos e elaborando estratégias para cumprir com um planejamento a médio e longo prazos.

A cooperativa mantém atividades em rede com outras rádios comunitárias desde 1988. Foi co-fundadora da Associação de Rádios Comunitárias da Argentina (ARCO), que contribuiu também para a legalização das rádios comunitárias no Congresso e transformou-se no Fórum Argentino de Rádios Comunitárias (FARCO). Hoje, faz parte da ALER e da rede AMARC. Tem também participação política no Conselho Municipal de Economia Social de Morón e mantém acordos de cooperação com inúmeras entidades e organizações do Estado e de defesa da cidadania. A participação em redes, como lembra Romina Coluccio, uma das vozes jovens da rádio (2008, p. 41), serve para “evitar que alguns poucos grupos vinculados aos centros de decisão econômica e política administrem a comunicação e o direito à livre expressão, tendo como única finalidade obter lucros em seus investimentos”.

Considerações

Atualmente, a Rádio Fm *En Tránsito* mantém-se 24 horas no ar com uma programação variada que inclui: programas informativos, musicais, coberturas esportivas, páginas de cultura e música latinoamericana, sempre com a participação dos ouvintes. Está integrada a outras





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

rádios latinas nacionais e continentais e oferece espaço a artistas independentes.

A participação de inúmeras rádios comunitárias argentinas no processo de legalização e para substituir a Lei de Radiodifusão n. 22.285 - em vigor desde a ditadura, rendeu bons frutos, pois em 10 de outubro de 2009 foi sancionada uma nova Lei para os Meios Audiovisuais daquele país. Ela destaca dispositivos que garantem a diversidade e o pluralismo dos serviços de comunicação audiovisual, cuja distribuição será de 33% para o setor sem fins lucrativos (livres e comunitários); 33% para o setor comercial e 33% para o setor público-estatal. Segundo o Centro de Mídia Independente - Brasil (2009), esta Lei tem suscitado muita polêmica entre os opositores do Poder Executivo, pois as grandes empresas, incluindo corporações de capital internacional, eram favorecidas com inúmeros privilégios pela lei anterior. Porém, esta é mais uma vitória que o coletivo da Rádio *FM En Tránsito* comemora, mas sobre a qual mantém-se vigilante. Afinal, como afirma Bordenave (2009, p. 5):

o conceito de políticas de comunicação tem resistências profundas em toda a mídia profissional e comercial (...). São grupos que oligopolizam a comunicação. O inimigo comum que têm são as rádios comunitárias, a comunicação alternativa, e agora o governo. Eles temem que o governo comece a controlar o setor.

A reflexão do referido autor pode ser aplicada à maioria dos países

da América Latina, pois a comunicação comunitária, apesar de tímida, representa uma grande força no continente e assume sua importância dentro dos processos de organização e luta social, marcando presença em Fóruns e Conferências que agregam a sociedade civil. Porém, as empresas de comunicação se sentem ameaçadas quando se aumenta a sintonia entre mídia e movimentos sociais.



Referências bibliográficas

- ALVAREZ, Paola. *As rádios da esperança*. Distribuído pela Rits – Rede de Informações para o Terceiro Setor (em: www.rits.org.br, na data de 30/1/2004); publicado originalmente pela Agência de Informação Solidária, (disponível em: www.infosolidaria.org), tradução de Marcelo Medeiros. Acesso em 30/05/09.
- AMARANTE, Maria Inês. *Rádio comunitária na escola: protagonismo adolescente e dramaturgia na comunicação educativa*. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social, São Bernardo do Campo, UESP- Universidade Metodista de São Paulo, 2004, 225 p.
- _____. *As rádios comunitárias na América Latina e a experiência das redes AMARC*





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

- e ALER in: LONDERO, Rodolfo Rorato (org.). *Recortes Brasileiros de Ativismo Midiático*, Trabalho igualmente publicado nos Anais da V Conferência Brasileira de Mídia Cidadã, da Unicentro, Guarapuava: Editora da Unicentro (no prelo), outubro de 2009.
- AMARC ALC. *Cara y Señal* in: *Dossier Comunicación Comunitaria*. Buenos Aires: AMARC – ALC, Ano 1, nº 1, mayo-agosto de 2004, p. 33-57.
- _____. *FM En Tránsito* in: *Las radios comunitarias en América Latina*. Virginia Solans, Paula Castello, Ernesto Lamas (ed.), Disco nº 2, Faixa 4, 5:02'.
- BARBERO, Jesús-Martin. *A pesquisa de comunicação em tempos de globalização*. Aula Magna ministrada no Memorial da América Latina, em São Paulo, em 17 de agosto de 2009.
- BELTRÁN, Luis Ramiro. *Adeus a Aristóteles* in: *Comunicação e Sociedade* – revista do Programa de Comunicação, nº 6. São Bernardo do Campo: UMESP, set. 1981, p.5-35.
- BORDENAVE, Juan Díaz. *Perfil - Um estrategista da mudança*. *Entrevista* in: *Revista Midia com Democracia*, FNCD, julho 2009, n. 9, p. 4-6.
- BRECHT, Bertold. *Teoria do Rádio (1927-1932)* in: MEDITSCH, Eduardo (org.). *Teorias do Rádio*, trad. Regina Carvalho e Valci Zuculoto. Textos e Contextos, Vol. I, Florianópolis: Insular, 2005, p. 35-45.
- COLUCCIO, Romina, et al. *En el camino [FM En Tránsito. Castelar, Argentina]* in: *Atrapa sueños. La sostenibilidad en las radios populares y comunitarias*. Buenos Aires: ALER Y AMARC ALC, 2008, p. 33-41.
- FANUCCHI, Mario. *O Rádio de Brecht Setenta anos depois* in: *Revista USP-SP*, nº 34, São Paulo: USP, junho/agosto 1997, p. 1-5.
- FESTA, Regina; LINS E SILVA, Carlos Eduardo (Orgs.). *Comunicação popular e alternativa no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- FM EN TRANSITO. *Gravação da História da Rádio*. CD com depoimentos dos integrantes do coletivo. Buenos Aires/Argentina.
- GEERTS, Andrés; VAN OEYEN, Victor. *La radio popular frente al nuevo siglo: estudio de vigencia e incidencia*. Quito: ALER, 2001.
- GOHN, Maria da Glória. *Os sem-terra, ONGs e cidadania*. São Paulo: Cortez, 1997.
- GUGLIELMONE, Isabel. *El oyente comprometido : las radios participativas en America Latina*. Site Internet du GRER, disponível em: <http://www.grer.fr>, abril 2009, 10 p. Acesso em 30/05/09.
- MACHADO, Arlindo; MAGRI, Caio; MASAGÃO, Marcelo. *Rádio livres: a reforma agrária no ar*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A Informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1985.
- _____. *Rádio: interatividade entre rosas e espi-*





nhos in: *Revista Novos Olhares*, Ano 1, n° 2. São Paulo: ECA/USP, 2° semestre de 1998, p. 13-30.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. *Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor* in: *Revista ECO-Pós*. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da UFRJ, v.12, n° 2. Rio de Janeiro: Editora E-papers, maio-agosto 2009, p.46-61. Disponível em: <http://www.pos.eco.ufrj.br/ojs-2.2.2/index.php>.

SABBAGH, Antoine. *La Radio: rendez-vous sur les ondes*. Découvertes Gallimard Techniques. Evreux: Gallimard, 1995.

VILLAMAYOR, Claudia. *Tramas de la comunicación: 60 años de historia de Comunicación Radiofónica en América Latina*. 23 de Mayo del 2007.

Webgrafia

<http://fmentransito.org.ar>

<http://www.aler.org/index.php>;

<http://www.aler.org/lpi/fscommand/lpi/info/index.htm>

www.brasil.agenciapulsar.org

www.unirr.org.br/

<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2009/10/456310.shtml>

Notas

¹ A Teoria do Rádio de Brecht tem como alicerce o paradigma da comunicação participativa, isto é, a relação horizontal entre emissor e receptor, ou “a dupla mão de direção” (ORTRIWANO, 1998) de que o veículo é capaz “não apenas de se fazer escutar pelo ouvinte, mas também por-se em comunicação com ele”.

² Apesar dos vários campos de atuação das Organizações Não-Governamentais, hoje em debate, GOHN (1997, p. 55) considera que a maioria das ONGs da América Latina se enquadram no “campo do desenvolvimentismo e no campo da cidadania”, este último mais recente, “nascido de movimentos sociais que lutam por direitos sociais”.

³ Compreende-se por “alternativa” uma comunicação de resistência que se deu no período histórico marcado por atos de exceção de governos militares (no Brasil, entre 1968-82). Já a comunicação popular e comunitária, lembra Peruzzo (2009, p. 55), “pode ser entendida de várias maneiras, mas sempre denota uma comunicação que tem o “povo” (as iniciativas coletivas ou os movimentos e organizações populares) como protagonista principal e como destinatário, desde a literatura de cordel até a comunicação comunitária”.

⁴ Atualmente, com o avanço das tecnologias de comunicação, assistimos à propagação de redes cidadãs em espaços ditos virtuais, que incluem um contingente





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

incalculável de pessoas, não necessariamente engajadas em movimentos sociais.

⁵ Detalhes desse estudo podem ser encontrados no site: <http://www.aler.org/lpi/fscommand/lpi/info/index.htm>

⁶ Notas pessoais da autora da Aula Magna ministrada pelo Prof. Jesús Martín-Barbero, em São Paulo, no Memorial da América Latina, em 17 de agosto de 2009.

⁷ Município da Grande Buenos Aires, onde fica Castelar.

⁸ Tradução livre da autora do original em espanhol.

⁹ Idem.

¹⁰ Entrevista concedida à autora em outubro de 2009, na sede da Rádio FM *En Tránsito*, Castelar, Buenos Aires.

